

EDITORIAL

Diogo C. Nunes

O deserto cresce. Ai de quem dá abrigo a desertos!
F. Nietzsche.

Pedra rangendo pedra, o deserto cresce e engole. Engole e mastiga, ora, por dentro. Avesso da vida, o deserto é suspensão do tempo em a-topia. Não um lugar outro, um não-lugar, mas o nada. Consumir deserto é ser por ele consumido: triturado, espedaçado, digerido. O desejo de onipotência de Chronos, então, se desloca e interioriza. Rei intestinal do homem desértico, o deus tempo é um oroboro – mas não dragão, tampouco cobra: um verme; ou um cão que, correndo atrás do rabo, larga um rastro de baba gástrica que corrói ossos, daqueles também que se vendem aos miseráveis famintos.

Ossos rangendo dentes; dentes triturando fome, a pedra de todos os caminhos do dia, um único e mesmo dia, cheio de novidades compartilháveis. Compartilhar para dominar. Despedaçar, com os dentes, para melhor engolir. O sistema é digestivo: “coma rápido, engula certo” – ensina Taylor aos nutricionistas –, e a vida, nua, é a ração, o pasto industrial de uma nova era sem pasto, nem boi, nem cavalo. Autoimune, o sistema é digestivo: se alimenta de tudo, sobretudo do vazio. Antropofágico às avessas, o deserto que habita o homem desabitado de tempo, que se nutre da morte, de esqueletos sem carne e músculos, dá ao mundo seu lixo triunfal: adubo pardo, matéria-prima energética de sua fome insaciável.

Aquele que tem o rei (ou deus) na barriga treme diante da morte porque seu desejo é o de servir. Alimento a um deus parasita, engorda o deserto feito de pó de ossos. Treme diante da morte e, por isso, a produz em seu ventre. A morte de Deus precisa ser também a morte do Homem, Seu avesso especular, porque o que mata é aquilo mesmo que cura. A pequena morte, gozo orgânico do corpo que pulsa, é divina, maravilhosa. E Ela há de nascer lá onde não há nome, mas sedução e desejo. Desabitar desertos, não como quem renuncia ao desejo, mas ao poder. Fome de mundos, boca de engolir não sapos, não gafanhotos, mas vazios disformes para deles cagar letras, formas e cores outras. Desabitar desertos, envenenar o sistema, impedir que o deserto se nutra de vazios são os imperativos políticos da hora presente sem futuro. Se não nos é dada a possibilidade de dizer e de imaginar as potencialidades encarceradas no tempo, é na sua impossibilidade – na sua u-topia – que a origem se faz alvo: a língua, o tempo e a comunidade porvir.